



IMPACTOS SOCIOTERRITORIAIS DO TURISMO NO ARTESANATO DE PIAÇAVA EM MATA DE SÃO JOÃO/BAHIA- BRASIL

Lidijovania Soares da Conceição¹
Lirandina Gomes Sobrinho²

RESUMO

A partir de 1990, a expansão do turismo hoteleiro e de segundas residências alteram o uso e ocupação do solo no Litoral Norte da Bahia (LN). Neste artigo discutimos como essas transformações impactaram socioterritorialmente o artesanato de palha de piaçava no litoral do município de Mata de São João/BA. Para alcançar esse objetivo, utilizou-se o método qualitativo com os seguintes instrumentos de coleta de dados: análise bibliográfica, documental e cartográfica; entrevistas semiestruturadas, observação participante e mapeamento in loco. Por meio dos conceitos de território usado, territorialidade, verticalidade e horizontalidade, são analisadas as ações dos atores locais e globais sobre o território e os conflitos decorrentes. Para o artesanato da palha de piaçava, o desenvolvimento do turismo hoteleiro e imobiliário apresenta-se em faces contraditórias: do dinamismo econômico e da restrição e proibição de acesso às áreas utilizadas tradicionalmente para extração da piaçava. Sem acesso a matéria-prima, a palha de piaçava, a continuidade do artesanato de piaçava no LN encontra-se ameaçada.

Palavras-chave: Território Usado; Artesanato; Verticalidades e Horizontalidades; Piaçava.

ABSTRACT

Since 1990, hospitality tourism and the second residences expansion modify the land use and occupation on the north coast (NC) of Bahia. We discussed in this article how those transformations have socioterritorially impacted piaçava straw handicraft on Mata de São João municipality's coast. In order to reach this goal, a qualitative method was used with the following data collecting instruments: bibliographic, documental and cartographic analysis; semi-structured interviews, participant observation and in loco mapping. Through the used territory concepts, territoriality, verticality and horizontality, they have analyzed the acts of local and global actors on the territory and conflicts involved. For the piaçava straw handicraft, the hospitality tourism and housing development has been introduced in contradictory faces: the economic dynamism and the restriction and prohibition of access to the areas traditionally used for piaçava extraction. Without access to the raw material, piaçava straw, the continuity of the piaçava handicraft on the north coast is threatened.

Keywords: Used Territory; Handicraft; Verticality and Horizontality, Piaçava.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), lidijovania@gmail.com;

² Orientadora: Professora dos cursos de Urbanismo, Turismo e Hotelaria e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia, liragomes11@gmail.com.



INTRODUÇÃO

Os setores turístico-hoteleiro e imobiliário são, entre as atividades econômicas, as que mais expressam os efeitos da globalização sobre os territórios e suas culturas. Para esse fim, utilizam-se dos avanços dos meios técnico-científico e informacional, alienando áreas específicas dos países receptores de acordo com os interesses do mercado global, como observado por Santos (2024), Santos e Silveira (2008).

Nas últimas três décadas, significativas ações que convergem os interesses dos gestores públicos federais, estaduais e municipais e do setor privado nacional e internacional foram canalizadas estrategicamente para o fomento dos setores turístico-hoteleiro e imobiliário no Litoral Norte da Bahia (LN). Em 1992, essa parceria culminou para a implantação do Programa de Desenvolvimento Turístico do Estado da Bahia (PRODETUR/BA), alterando características ambientais, culturais, simbólicas, socioeconômicas e territoriais desta região.

Apropriando-se das amenidades destes locais, as atividades turísticas hoteleiras e imobiliárias alteraram as relações socioeconômicas e territoriais existentes, produzindo segregação socioespacial, expropriação de populações tradicionais e a privatização de extensas áreas litorâneas com elevado grau de valor ambiental e imobiliário, conforme destacam as pesquisas de Diniz (2007), Gomes (2013), Magalhães (2015), e Souza (2009).

Esta pesquisa tem por objetivo analisar os impactos socioterritoriais decorrentes da expansão dos setores turístico-hoteleiro e residencial no artesanato da palha de piaçava no litoral de Mata de São João/BA, a partir da identificação e mapeamento dos territórios utilizados tradicionalmente pelas artesãs para extração da piaçava e do linho de licuri, assim como as estratégias criadas pelas mesmas para assegurar a produção do artesanato diante do desmatamento e restrição de acesso as áreas com matéria-prima.

A partir de 2000, megaempreendimentos turísticos hoteleiros e residenciais, nacionais e internacionais, são implantados nos 28 km de orla do município de Mata de São João, no LN. A apropriação de extensas áreas pelos setores turístico e imobiliário impõe sobre as populações locais novas formas e regras de acesso, ocupação e uso do solo, comprometendo a continuidade das atividades tradicionais, como artesanato da palha de piaçava (*Attalea funifera* Martius).



Este estudo estrutura-se em duas etapas, sendo a primeira composta por pesquisas bibliográfica, documental e cartográfica; e a segunda por atividades de campo. A operacionalização das atividades de campo segmentou-se em entrevistas semiestruturadas, visitas às artesãs, grupos suprafamiliares, associações de artesãs e as comunidades que extraem, trançam, costuram e comercializam o artesanato. O mapeamento das áreas de extração de piaçava utilizadas tradicionalmente foi realizado *in loco*.

O avanço da silvicultura e da urbanização e a expansão do turismo hoteleiro e de segunda residência constituem-se como um conjunto de alterações socioeconômicas e territoriais que colocam em risco a continuidade do artesanato na área de estudo, conforme destacaram Sales e Zanirato (2022), expõem a fragilidade do meio-ambiente e das populações tradicionais frente à atuação do capital imobiliário e projetos transnacionais.

O trançado da piaçava expressa a geohistória de um povo intimamente conectado ao território enquanto espaço provedor de recursos naturais e base sólida da cultura e identidade coletiva. Essa estreita relação entre as artesãs e o território usado para extração da matéria-prima – a palha da piaçava e o linho do Licuri – altera-se com a expansão do turismo e a especulação imobiliária, seja pelo desmatamento, pela restrição de acesso às antigas fazendas e pela insegurança, decorrente do crescimento da violência, consumo e comercialização de drogas ilícitas.

METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma pesquisa qualitativa embasada no materialismo histórico-dialético e subdividida em duas etapas de trabalho que dialogam – teoria e prática. Na primeira etapa, foram desenvolvidas as pesquisas bibliográfica, documental e cartográfica, e na segunda o trabalho de campo – em curso.

A pesquisa bibliográfica é composta por artigos e dissertações, revistas, livros e periódicos e a documental por relatórios, projetos e planos urbanísticos elaborados pelos Governos Federal, Estadual e Municipal, organizações do terceiro setor e grupos produtivos do artesanato da piaçava. No trabalho de campo, foram realizadas 57 entrevistas semiestruturadas, sendo 55 com artesãs e 02 com extrativistas – coletores (as) de palha. Por meio da técnica de observação participante, ocorreram visitas às localidades e aos grupos produtivos (associações) durante os processos produtivo, gerencial e comercial.



O projeto de pesquisa intitulado *Palmeiras, Trançados e Turismo: Os impactos socioterritoriais dos empreendimentos hoteleiros e a ameaça ao artesanato no litoral de Mata de São João/BA* foi aprovado pelo Conselho de Ética da Universidade do Estado da Bahia – CEP/UNEB em 20 de março de 2025 sobre o número do parecer 7.452.292, autorizando a realização de entrevistas e mapeamento sem filmagem ou fotografias das pessoas entrevistadas.

A elaboração do roteiro de entrevista foi organizada em seis blocos, sendo eles:

1. Identificação da entrevistada;
2. Relação com a área de pesquisa;
3. Meios de Vida;
4. A coleta da piaçava;
5. O turismo e o artesanato de piaçava;
6. Desafios e perspectivas para o artesanato de piaçava.

O tratamento e a análise das entrevistas e dos dados coletados estão sendo realizados em etapas, de acordo com os blocos das entrevistas.

Anterior ao campo, foram plotadas as informações das áreas de extração de piaçava da Cartografia Social das Artesãs da Palha de Piaçava do Litoral Norte da Bahia (2012), que estavam na escala 1:100.000. No programa ArcGIS foi georreferenciada a unidade do Litoral Norte e plotando todos os pontos de piaçava, as feições cartográficas, identificando-as e já referenciando-as para no campo as informações fossem verificadas pelo *Avenza Maps*. Após a plotagem dos pontos de coleta de piaçava disponibilizados na Cartografia Social (2012), foram produzidos os mapas no ArcGIS e adaptados ao 39 recorte espacial do litoral do município de Mata de São João.

A área foi subdividida em três partes, com as seguintes nomenclaturas: trecho Iberostar (Mirante no Litoral); e Santo Antônio (Grand Palladium); e Vila Sauípe (Complexo Hoteleiro Costa do Sauípe). Foi escolhida a escala de 1:25.000 nos trechos Iberostar – Mirante no Litoral, e Santo Antônio – Grand Palladium. Já no trecho Vila Sauípe – Complexo Hoteleiro Costa do Sauípe, a escala utilizada foi a 1:30.000. A escolha da escala visa não comprometer a impressão em A3 dos mapas e a visibilidade das informações cartografadas. Com as informações existentes no mapa obtidas pelo processo de plotagem supracitado, foram adicionados os novos dados coletados no campo com o *Avenza Maps*.

O mapeamento *in loco* foi realizado pela pesquisadora acompanhada por artesãos e extrativistas da piaçava que realizavam naturalmente suas atividades de coleta e



voluntariamente indicavam os locais tradicionalmente utilizados para esse fim, áreas essas nomeadas conforme seção 4 da entrevista semiestruturada.

Ao final da etapa de coletas dos pontos de extração de palha de piaçava, foi adequando os caracteres considerados o mais didático possível e de fácil entendimento e leitura. Os mapas apresentam a situação do local de coleta da piaçava (acesso livre, dificultado, restrito e piaçava desmatada), nomes dos pontos de coleta (toponímia), identidade e modos de vida (compra e venda de piaçava, concentração de 40 famílias de artesãos), desafios/conflitos (anexos e empreendimentos turísticos, eucalipto) e as formas de organização (associações e a cooperativa).

REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar o espaço e o território para além das evidências do cotidiano leva-nos a buscar referências teóricas consistentes e amplas capazes de subsidiar explicações acerca das problemáticas emergentes no mundo atual. Por esse motivo, as relações socioeconômicas de produção, compreendidas a partir do recorte espacial e temporal em constante movimento, configura novos territórios e territorialidades, como o que acontece no LN.

Sobre a lógica da globalização, as empresas assentadas sobre os lugares buscam satisfazer suas necessidades e ampliar seus lucros. As transnacionais do setor turístico-hoteleiro e imobiliário pautam suas ações no suprimento das demandas de suas matrizes, no consumo e mercantilização imediata das especificidades naturais, culturais e locais do destino, sem qualquer comprometimento com o território, as populações locais e a sustentabilidade ambiental.

Porém, a lógica do dinheiro puro e o poder dos agentes hegemônicos (transnacionais, proprietários fundiários, promotores imobiliários), nacionais e internacionais, ultrapassam os limites físicos das suas estruturas já construídas (resorts, hotéis, condomínios) e incorporam cada vez mais terrenos à especulação imobiliária, limitando acessos a praias, áreas extrativistas e passagens de servidão.

Para Muricy (2010, p.9), os impactos da expansão do turismo no distrito de Açu da Torre³ encontram-se mais articuladas e homogêneas do que em outros trechos do Litoral Norte. Essas transformações, segundo a autora, podem ser agrupadas nos seguintes eixos temáticos:

³ O distrito de Açu da Torre, localizado no litoral do município de Mata de São João, compreende cerca de 20 localidades distribuídas em suas porções litorâneas e interioranas (MURICY, 2010, p.9).



(...) a) formas de apropriação, uso e ocupação do solo; b) composição social da população local; c) valores e práticas socioculturais; d) formas de organização e participação social; e e) estrutura produtiva. Todas essas transformações encontram-se articuladas, dando contorno à nova realidade engendrada pelo turismo, com a maior integração da região ao modelo hegemônico no mundo contemporâneo (MURICY, 2010, p.9).

Gomes (2013, p.76), ao pesquisar os processos socioespaciais em curso no LN, destaca que as regras e os interesses de grupos internacionais ligados ao turismo hoteleiro e imobiliário alteraram as dinâmicas territoriais e produzem conflitos de diversas ordens com as populações locais.

Esse processo é marcado por novas relações econômicas, políticas e sociais, sob a égide dos interesses hegemônicos e, por conflitos na dinâmica socioespacial com significativas repercussões nas políticas territoriais, no ordenamento territorial e no meio ambiente e nas comunidades diretamente envolvidas (GOMES, 2013, p 76).

O território, pensado a partir do seu uso, requer a observação da paisagem em sua integralidade e inseparabilidade, a fim de compreender os aspectos expressados materialmente e simbolicamente. O uso do território, enquanto espaço da construção de vivências e experiências individuais e coletivas, traz na sua paisagem o espelho que revela o passado e o presente, expondo a atuação das horizontalidades e verticalidades nos distintos momentos da história.

O território, compreendido neste trabalho a partir da concepção de território usado de Santos (1999, p.8), é observado enquanto sinônimo de espaço geográfico. Sendo, por esse motivo, o palco de atuação dos agentes exógenos e endógenos, dos modos históricos de produção e uso da terra, da memória individual e coletiva, e da cultura das artesãs do trançado da piaçava. Esse território, mosaico composto pelo antigo, moderno e híbrido, por sua vez, transforma-se em jogo de forças entre verticalidades e horizontalidades, em constante dialética que envolve conflitos, subjugamentos, territorialidades e solidariedades.

Pautando-se não apenas nos aspectos materializados, mas também nos aspectos subjetivos e simbólico-culturais. Reiterando essa ideia, Santos (1999, p.8), afirma que:

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 1999, p.8).



Ao pensarmos sobre território e territorialidade, torna-se fundamental considerar as relações de poder para além da propriedade legal titulada em Cartório de imóveis sobre o mesmo, mas também sobre a apropriação simbólica por diferentes grupos em distintos momentos históricos. Com base nesta análise do poder sobre o território, Haesbaert (2005, p. 21) destaca:

“Lefebvre distingue a apropriação da dominação ('possessão', 'propriedade'), sendo o primeiro um processo voltado para o simbólico, com o sentimento de pertencimento, marcas do 'vivido', do valor de uso, o segundo mais explícito, funcional e valor de troca” (HAESBAERT, 2005, p. 21).

Fazendo um paralelo entre o pensamento de Santos (1999) e Santos e Silveira (2008) ao definir território usado e identidade e, Haesbaert (2005) ao citar Lefebvre para detalhar a diferença entre apropriação e dominação, podemos refletir que a trajetória das mulheres artesãs da piaçava no litoral de Mata de São João, revela-nos o uso do território como um aspecto de identidade individual e coletiva, que antecede a dominação representada pela implantação das redes hoteleiras a partir da década de 1990.

Para fins de análise nesta pesquisa, a expansão do setor turístico hoteleiro e imobiliário é compreendida enquanto verticalidade, por caracterizar-se “como um conjunto de pontos formado um espaço de fluxos” que objetiva atender as demandas das empresas multinacionais e transnacionais, fragmentam e alienam o território a partir da implantação de resorts, hotéis e condomínios, verdadeiros enclaves do meio técnico científico informacional completamente desconectado da realidade e necessidade das localidades tradicionais circunvizinhas.

A verticalidade é constituída por redes que interligam os pontos e possibilitam a fluidez e a “solidariedade do tipo organizacional”. Nesta parte do território usado pelos agentes exógenos, verticais e alienadores, o Estado assume o papel “dissimulado” que visa flexibilizar a legislação ambiental, promover isenções de impostos a fim favorecer a ação do capital, trabalhando intensamente para atrair novas macroempresas (Santos, 2024, p.122).

Como se vê as verticalidades, que são voltadas para a lógica externa ao lugar e ao modelo hegemônico, Santos (2024, p.123) assevera que “o modelo hegemônico é planejado para ser, em sua ação individual, indiferente ao seu entorno” e que, “quanto mais modernizados e penetrados por essa lógica, mais os respectivos espaços se tornam alienados”. Desta forma, a exclusão das comunidades locais e a alienação dos territórios do LN decorrem do processo de globalização das empresas dos segmentos turístico-hoteleiro e imobiliário.

Em contraposição a racionalidade da globalização e consequente exclusão das populações e fragmentação/alienação do território, as forças da horizontalidade configuram-se



como “contrarracionalidades” apesar de serem atravessadas pela razão predominante, conduzem ações que agregam interesses coletivos e territorializados. Segundo Santos (2024), a horizontalidade é:

Na verdade, são contrarracionalidades, isto é, formas de convivência e de regulação criadas a partir do próprio território e que se mantem nesse território a despeito as vontade e homogeneização, características da racionalidade hegemônica típica das verticalidades. A presença dessas verticalidades produz tendências à fragmentação, a constituição de alvéolos representativos de formas específicas de ser horizontal a partir das respectivas particularidades (SANTOS, 2024, p.125-126).

Conforme conceitua Santos (2024, p.124), as horizontalidades “são zonas da continuidade que formam extensões contínuas”, referenciadas na ideia de “espaço banal” de François Perroux ao contrapor o “espaço econômico”. As horizontalidades atuam no espaço banal em continuidade espacial e sincronizadas com as características que constituem esses locais, resultando em fatores produtivos criados e alimentados em consonância com o território.

O uso e ocupação do território da orla de Mata de São João e LN pelos empreendimentos e equipamentos turísticos e imobiliários sobre as áreas utilizadas tradicionalmente pelas populações locais na realização das atividades tradicionais, como o artesanato de piaçava, produz territorialidades e conflitos entre os grupos que demandam o acesso e os que ampliam cercas e muros. Sobre essa ótica, a territorialidade é definida por Robert David Sack (1986) como:

A tentativa, por indivíduo ou' grupo, de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica. Essa área será chamada de território (SACK, 1986 tradução 2011, p.76).

A territorialidade possui significado e objetivo, sendo uma importante variável na formação dos grupos sociais; como as artesãs, os pescadores e lavradores, tornando-se um elemento essencial da sua continuidade histórica. Importante destacar que são através das práticas cotidianas, tradicionais e voltadas para a sobrevivência física, sócio-coletiva e simbólica que o saber fazer destas populações é transmitido para as gerações futuras.

A territorialidade se configura como uma mediação na relação entre os homens e a destes com o espaço, já que a apropriação da natureza, de certa forma, exterioriza a dominação entre os homens. Assim, a territorialidade evidencia e caracteriza a maneira como uma sociedade lida com o território, denota concepções e racionalidades diversas que marcam as fronteiras simbólicas que separam sociedades e grupos sociais distintos (ISOLDI&SILVA, 2009, p.31).



Desta forma, o acesso ao território é a garantia da continuidade da identidade coletiva do artesanato de piaçava. O controle sobre o território oferece vantagens, da mesma forma que o não acesso promove ou amplia desigualdades e desvantagens diversas, essas ações redefinem as territorialidades e produzem relações interpessoais e hierárquicas, pautadas no poder.

É indispensável ressaltar que a atividade artesanal de trançar a piaçava é uma prática milenar, modificada de acordo com as transformações decorrentes das ações alienantes do setor turístico internacional e seus segmentos sobre as atividades produtivas locais e seus territórios. A apropriação destas áreas pelas populações tradicionais dava-se majoritariamente pela relação de uso extrativista, sem limites territoriais definidos e documentados em títulos de Propriedade. O antropólogo Ricardo Gomes Lima (2011) afirma em entrevista a Keller (2011) que o artesanato:

Durante milênios foi o único modo que se tinha de fazer objetos. O mundo humano foi feito à mão. Se pensarmos no volume de objetos que já se produziu manualmente, percebemos que é uma coisa impressionante e incalculável mesmo, porque acompanha o tempo da própria humanidade. (KELLER, 2011, p. 189).

Com a crescente produção industrial e a rápida distribuição mundial de seus produtos, tornam-se cada vez mais necessárias definições conceituais sobre o que é artesanato, sua diferença em relação às artes populares e trabalhos manuais. A conceituação do artesanato, discutida por técnicos, acadêmicos, críticos e artesãos, tem por objetivo assegurar que propostas e projetos públicos e privados, direcionados para o fomento do artesanato, mantendo a originalidade, a identidade coletiva e a sustentabilidade do saber fazer por futuras gerações.

Conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo, representativo de suas tradições, porém incorporados à sua vida cotidiana. Sua produção é, em geral, de origem familiar ou de pequenos grupos vizinhos, o que possibilita e favorece a transferência de conhecimentos sobre técnicas, processos e desenhos originais. Sua importância e seu valor cultural decorrem do fato de ser depositária de um passado, de acompanhar histórias transmitidas de geração em geração, de fazer parte integrante e indissociável dos usos e costumes de um determinado grupo. (SEBRAE 2010 *apud* REIS, 22, p. 26).

Em 1991, no âmbito do Ministério da Ação Social foi criado o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) em 2019, esse programa foi transferido para a Secretaria de Desenvolvimento da Indústria, Comércio, Serviços e Inovação, do Ministério da Economia.



No Estado da Bahia, ações de promoção do artesanato estão vinculadas ao Instituto Visconde de Mauá (Instituto Mauá), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e Secretaria de Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (SETRE), por meio da Coordenação de Fomento ao Artesanato (CFA), em parceria com a Associação Fábrica Cultural.

Pensar no artesanato da palha de piaçava como elemento vivo capaz de integrar mulheres para além de suas residências, grupos familiares e comunidades torna a prática tradicional de trançar palmeiras com cores vivas um elo estruturado na identidade coletiva, geração de renda e empoderamento feminino como uma estratégia de sobrevivência, pautada na relação dialética de adequação ao mercado turístico globalizado e resistência cultural e territorial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados neste estudo são preliminares, uma vez que esta pesquisa se encontra em andamento. Constata-se que a expansão do turismo hoteleiro e imobiliário produziu profundos impactos socioterritoriais no artesanato da piaçava, reorganizando e ampliando a cadeia produtiva com o objetivo de atender aos novos mercados oriundos do turismo. Neste processo, cursos de modelagem, corte e costura, *designer*, associativismo, cooperativismo e empreendedorismo são ofertados para as artesãs por organizações do terceiro setor e órgãos públicos, incorporando ao artesanato técnicas, materiais e utilidades, dentre elas o segmento da moda.

Cinco associações de artesanato de piaçava são criadas nas comunidades entre os anos de 2003 e 2007, organizando juridicamente as artesãs, ampliando a produção e abrindo pontos de comercialização no interior dos *resorts*. O crescimento da produção artesanal produz internamente a fragmentação das etapas produtivas por artesãs/comunidades, desperta atravessadores e gera maior demanda por palha de piaçava e linho de licuri.

À medida que os empreendimentos turísticos hoteleiros e residências são implantados na faixa costeira – leste, empresas de reflorestamento ampliam suas plantações de eucalipto em direção ao interior - oeste, abrangendo Itanagra, Mata de São João, Entre Rios, Esplanada e demais municípios do LN. Essas atividades econômicas ocupam áreas usadas tradicionalmente para a extração da palha de piaçava e linho de licuri, provocando o desmatamento, o cercamento e a urbanização.



Segundo a análise em curso das entrevistas e mapeamentos realizados entre março e agosto de 2025, apenas 35% das artesãs extraem a piaçava que precisam e 26% intercalam compra e extração, contra 39% que afirmam adquirir sempre a piaçava com terceiros oriundos de municípios vizinhos – Entre Rios e Itanagra – suprindo a necessidade de matéria-prima das artesãs do litoral de Mata de São João. A redução da oferta de piaçava, que ameaça a produção do artesanato tradicional na área de estudo, ocorre de forma semelhante em todo LN.

O mapeamento *in loco*, com o aplicativo *Avenza Maps*, nos trechos Vila Sauípe, Santo Antônio (Figura 1) e Praia do Forte possibilitou cartografar e caracterizar a partir da utilização de pontos com cores (verde, amarelo e vermelho), as com áreas de extração de piaçava como livres, dificultadas e proibidas, assim como as áreas de coletas desmatadas (com x vermelho), além de relacionar as localidades, associações de artesanato, a toponímia, a localização das propriedades e empreendimentos turísticos hoteleiros e as estratégias das artesãs frente às alterações nas condições de acesso a palha da piaçava com a venda (V), compra (C) e compra intensiva de piaçava (CI).

Conforme observa-se no Figura 1 – Mapa de extração da palha de piaçava no trecho Santo Antônio (2025), a concentração de áreas de coleta com acesso proibido ocorre na faixa costeira, resultado direto da implantação de resorts e valorização imobiliária destes terrenos. Em contrapartida, as artesãs residentes nas localidades litorâneas de Diogo e Santo Antônio afirmam comprar às vezes ou sempre (C) e (CI) a palha da piaçava para continuar a fazer e comercializar o artesanato.

Nas proximidades e a oeste da BA-099 (Linha Verde), estão localizados os pontos classificados como de livre acesso para a extração da piaçava. Porém, estas áreas tornam-se cada vez mais escassas e distantes das residências das artesãs, havendo a necessidade de utilizar automóveis e ter a companhia de homens no grupo, devido ao aumento da insegurança e a violência, produzidas diretamente pelo consumo e tráfico de drogas nas últimas duas décadas na região do LN.

O mapa exposto na figura 1 corresponde a 1/3 da área mapeada neste estudo e representa cartograficamente a atuação direta das artesãs da Associação das artesãs de Diogo, Areal e Santo Antônio. São observadas no mapa as áreas de antigas piaçaveiras desmatadas para o surgimento de novas localidades e construção do Resort Grand Palladium e o Complexo Hoteleiro Costa do Sauipe.

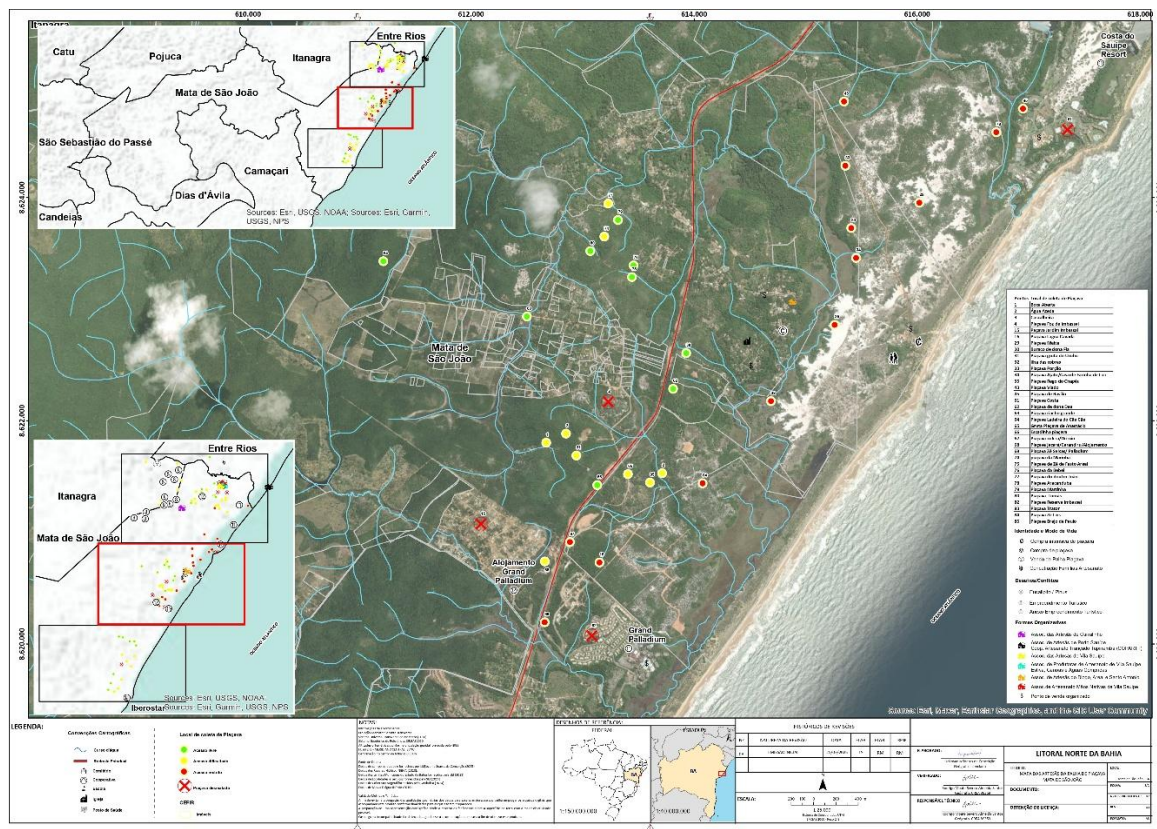


Figura 1 – Mapa de extração da palha de piaçava no trecho Santo Antônio (2025).

FONTE: Pesquisa de Campo, 2025.

A implantação de resorts, hotéis, pousadas e condomínios consome extensos terrenos na faixa costeira da orla de Mata de São João. O acesso a essas áreas, antes extrativistas e livres de cercas, torna-se cada vez mais dificultado e proibido, impossibilitado a continuidade das atividades tradicionais, dentre elas a produção do artesanato da palha de piaçava.

Diante desta realidade, as artesãs matenses passam a extrair a piaçava cada vez mais longe das localidades que habitam ou a comprá-la com outras artesãs e coletores extrativistas que residem ou deslocam-se para os municípios vizinhos de Itanagra e Entre Rios, principalmente, para extrair a palha e vendê-la em feixes crua ou em caibros secos e cozidos. Além de comprar a palha, adquirir as rodas de trançados prontas com artesãs residentes a oeste da Linha Verde e nos municípios circunvizinhos passou a ser uma opção escolhida para suprir a demanda por palhas e trançados.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS



Tendo em vista as análises apresentadas, verificam-se que a expansão do setor turístico hoteleiro e residencial no litoral de Mata de São João/BA produz impactos socioterritoriais que alteram a cadeia produtiva do artesanato de piaçava. Em contraponto, tem dinamizado a economia regional e local, contribuindo para ampliar e diversificar produtos artesanais, e para formalização jurídica dos grupos produtivos em associações e cooperativa, aspectos percebidos pelas artesãs como benéficos.

Por outro lado, observa-se ameaças a continuidade do artesanato de piaçava devido ao aumento do desmatamento, a restrição e urbanização dos territórios usados tradicionalmente para extração da palha de piaçava, resultando na escassez da matéria-prima e aumento do custo produtivo. Pode-se afirmar que os modelos de uso, acesso e ocupação do solo imposto pelos setores turístico-hoteleiro e imobiliário, em conjunto com a atuação do poder público (estadual e municipal), impossibilitam a continuidade de atividades tradicionais na área de estudo, como o artesanato de piaçava.

Esta pesquisa corrobora para a comunidade científica por proporcionar reflexões acerca das transformações impostas sobre os territórios usados, suas populações e atividades tradicionais pela implantação de grandes projetos públicos e privados, nacionais e internacionais, voltados para fomentar e atender ao setor turístico-hoteleiro e residencial imobiliário.

REFERÊNCIAS

Cartografia Social. **Artesãs da Palha de Piaçava do Litoral Norte da Bahia**. Mata de São João/BA. 2012

DINIZ, Edite Luiz. **Tapera, Pau Grande e Barreiro: uma geohistória de resistência de comunidades tradicionais, no Litoral Norte da Bahia**. Dissertação de mestrado em Geografia - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

GOMES, L. **Luzes e sombras no litoral norte da Bahia: estratégias e sustentabilidade das redes hoteleiras internacionais**. Salvador: EDUNEB, 2013, 258 p.

HAESBART, Rogério. **Da desterritorialização à Multiterritorialidade**. In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, 20-26 de março de 2005, São Paulo. Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo (USP), p. 6774–6792.

ISOLDI, Isabel Araújo & Silva; Clayton Luiz da O. **O espaço territorial como referência para a construção da cidadania: Uma reflexão geográfica introdutória sobre o problema da demarcação de terras de populações “remanescentes”**. Ateliê Geográfico. Goiânia: V. 1, n. 6, 2009, p.20 – 33.



Keller, Paulo. (2011). **ARTESANATO EM DEBATE**: Paulo Keller entrevista Ricardo Gomes Lima. Revista Pós Ciências Sociais. 8.

MAGALHÃES, Denise Silva. **Fragmentação e segregação sócio-espacial no processo de urbanização do litoral nordeste da Bahia: os dois lados da Rodovia BA-099 – “Estrada do Coco”** - Tese de doutorado em Geografia - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

MURICY, Ivana Tavares. **Turismo e desenvolvimento no Litoral Norte da Bahia**. Caxambu/MG: ABEP, 20 – 24 set. 2010 p.21.

REIS, D. **(Arte)sanato tradicional: fricções entre matrizes de pensamento**. Revista do Centro em Rede de investigação em Antropologia. Etnografia, 26 (1), 2022, p. 209-231. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/etnografica.11464>>.

SANTOS, M. **O DINHEIRO E O TERRITÓRIO**. GEOgraphia– Ano. 1 – No 1 – 1999.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal**/ Milton Santos. – 37 ed. – Rio de Janeiro: Record, 2024.

SANTOS, M. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**/ Milton Santos, Mariá Laura Silveira. – 11ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2008.

SACK, Robert David. **O significado de territorialidade**. In: DIAS, L. C.; Ferrari, M. (Orgs.). Territorialidades Humanas e Redes Sociais. Florianópolis: Editora Insular, 2011, p.63-89.

SALES, Marcos Paulo e ZANIRATO, Silvia Helena. **Trançadeiras de Massarandupió: piaçava, conflitos socioambientais e saberes tradicionais em risco no Litoral Norte da Bahia**. Revista Boletim Observatório Da Diversidade Cultural, v. 96, p. 57-70, 2022 Tradução. Disponível em: <https://observatoriodadiversidade.org.br/wp-content/uploads/2022/08/BoletimV96N01Ago2022.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2025.

SOUZA, Maria de Lourdes Costa. **Interesses na produção do espaço no litoral norte da Bahia: Massarandupió e seu entorno**. Dissertação de mestrado em Geografia. – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.